

## **O CALDEIRÃO DE SANTA CRUZ DO DESERTO E A COMUNA DE PARIS: AS "FACES E INTERFACES" DOS TENSOS FINAIS DO SÉCULO 19 E INÍCIO DO SÉCULO 20**

CÉLIA CAMELO DE SOUSA

Bolsista FUNCAP (Fundação Cearense de Apoio ao desenvolvimento Científico e Tecnológico);  
Pedagoga; Especialista em Administração em Recurso Humano; Mestranda em Educação  
Brasileira da Universidade Federal do Ceará (UFC) e pesquisadora de educação do movimento  
sociorreligioso Caldeirão, e-mail: celiacamelods@yahoo.com.br

LÊDA VASCONCELOS CARVALHO

Doutoranda em Educação Brasileira da UFC, mestre em educação pela UFC e pedagoga.  
E-mail: ledavcarvalho@hotmail.com

### **Introdução**

O final do século 19 e as primeiras décadas do século 20 re-  
metem à historiografia um campo vasto de análise. No mundo eu-  
ropeu a revolução industrial, iniciada no século dezenove, se con-  
solidou, trazendo consigo as contradições máximas do capitalismo,  
as classes sociais, o aprofundamento da riqueza e da miséria dos  
produtores. Como efeito, erguem-se os impérios coloniais, antecedi-  
do da nova expansão territorial dos espaços já conhecidos.

Portanto, nessa breve reflexão ocupamos realizar uma análi-  
se de dois movimentos sociais que surgem nesse contexto histórico  
que, pelo seu lugar e especificidades ganharam importância dife-  
renciada na historiografia oficial, apesar de se constituírem dois di-  
ferentes movimentos resultante da natureza predatória das classes  
dirigentes e dominantes no mundo. São os movimentos sociorreligi-  
oso Caldeirão de Santa Cruz do Deserto (1926-1936), acontecido  
no sertão do nordeste brasileiro e a Comuna de Paris (1871), no  
centro de um dos mais destacados impérios coloniais, a França.

O presente estudo será desenvolvido metodologicamente,  
através de uma pesquisa bibliográfica. Com isto, enfatizaremos no  
primeiro momento as bases dos movimentos sociais, mencionando  
o momento dos movimentos já comentado. Para este estudo uti-

lizamos uma abordagem qualitativa, em que devemos enfatizar o processo da pesquisa, o seu significado e ter como relevância os sujeitos envolvidos no estudo, uma vez que “a pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela [...] trabalha com um universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações [...]” (MINAYO, 1994, p.21-22).

Quanto ao segundo momento, destacaremos os dois movimentos: Caldeirão e Comuna de Paris. Quanto ao referencial teórico, utilizamos para este estudo: Arruda (2006), Marx (1984), Pereira de Queiroz (2003), Minayo (1994) e Sousa (2009). Esses autores nos permitiram entender melhor o objeto de estudo, estabelecendo relações com os dois movimentos estudados.

Percebemos através dessas duas histórias, em que fizemos uma relação entre dois movimentos, que cada um deles tiveram um papel na história de seu lugar. Essa história se repercutiu ao longo dos anos, estabelecendo diversas pesquisas, pois estes acontecimentos permitem aos pesquisadores analisar de diversas formas, possibilitando ao leitor realizar novas leituras.

### **A Consolidação do Capitalismo Industrial e a “Pirataria” do Mundo: as Bases dos Movimentos Sociais**

O final do século 19 é marcado pela consolidação da revolução industrial e, como efeito, traz novos problemas para a sociabilidade capitalista. Os objetivos proclamados na sua fase revolucionária não se cumpriram, pelo menos, para a maioria das populações economicamente desfavorecidas. O aprofundamento da riqueza de poucos e a miséria da maioria são as fases de uma mesma realidade, configurando-se duas classes sociais com interesses contraditórios e inconciliáveis: a burguesia e o proletariado.

O aumento da produção industrial associado às conquistas técnico-científicas provocou, ainda, o desemprego de milhares e

milhares de homens e mulheres que à margem dos benefícios alcançados pela sociedade moderna, pressionado pelo direito ao trabalho. A indústria, por sua vez, requer matérias-primas e mercado consumidor, cuja saída encontra na nova expansão territorial dos espaços já conhecidos. Para responder às pressões sociais e a demanda do setor industrial a burguesia européia inicia a fase do neocolonialismo e, com ela, a “pirataria” de regiões inteiras que serviram ainda de mercado consumidor e de lugares de escoamento da força de trabalho.

Neste sentido a exploração do trabalho continuava, anteriormente havia uma exploração centrada no negro, agora com o negro livre, com salários precários, passando assim, a surgir novas formas de miséria. O homem livre concentrado em “guetos”, propiciava o surgimento de novas doenças, impossibilitando o trabalhador a ter uma vida digna perante a sociedade que passou a desenvolver novos produtos.

Ainda, percebemos um fator que desencadeia esta situação, que é a questão política. Os governantes como sempre, não conseguem desenvolver políticas públicas eficazes para banir essa situação. A falta de compromisso resulta para a classe trabalhadora em infinitos problemas.

Com isso, as iniciativas das classes dirigentes e dominantes do mundo capitalista europeu não reduziu as contradições que estavam na base do sistema produtor de mercadorias e das ideias que lhe dava sustentação: a economia política. Como nos lembra Marx (1987),

[...]. A economia política, esta ciência da riqueza, é assim mesmo a ciência da renúncia, da privação, da poupança e chega realmente a poupar ao homem a necessidade de ar puro e de movimento físico. Esta ciência da maravilhosa indústria é ao mesmo tempo a ciência do ascetismo, e seu verdadeiro ideal é o avaro ascético, mas usurário, e o escravo ascético, mas produtivo. Seu ideal moral é o trabalhador que leva à caixa econômica uma parte do seu salário e, para esta sua ideia favorita encontrou até uma arte servil. [...] A auto-

-renúncia, a renúncia á vida e a todo carecimento humano é o seu dogma fundamental (p. 184).

Contudo, faz-se necessário também lembrar que os anos que marcam o fim da primeira metade do século 19, mesmo sendo registrado como um prolongamento da revolução francesa, uma vez que a burguesia consolida seu poder em várias regiões da Europa, é um período que marca à presença do operariado industrial como força política e o acirramento das tensas relações entre capital e trabalho.

Nas regiões dominadas pelo imperialismo europeu o novo colonialismo trouxe repercussões importantes na vida política, econômica e cultural dos povos que, sob perspectivas diversas fez emergir entre o final do século 19 e nas primeiras décadas do século XX movimentos sociais de natureza nacionalista, messiânicas e religiosas que, com suas especificidades, representavam uma reação ao processo de “pilhagem” realizado pelo mundo colonizador. No caso específico dos movimentos sociorreligiosos, concordamos com Arruda (2006), quando diz que “[...]. Todos eles, quando no processo de resistência aos opressores colonialistas, recorriam à sua memória religiosa e dela extraíam todos os referenciais de sua luta contra-opressiva” (p. 22).

Entre os séculos 19 e 20, eclodiram movimentos sociais de natureza religiosa em vários lugares, dentre os quais no norte da África, da Oceania, do Sudoeste da Ásia e das Pradarias da América. Fenômeno similar também se reproduziu em várias regiões do Brasil, em particular, no Nordeste.

Esses movimentos surgem como uma forma de amenizar as mazelas existentes no mundo, pois é através desses grupos religiosos, com características messiânicas, que essa gente sofrida, possibilita uma vida mais digna. Concordamos com as palavras de Pereira de Queiroz que o surgimento destes movimentos deve-se ao fato dos conflitos familiares existentes no interior, em que

a autora refleti nesta passagem “ ... as antigas famílias grandes se apresentavam quase pulverizadas, subdivididas num sem número de chefetes a se digladiarem, a estabelecerem efêmeras alianças, a se desavirem novamente... ”(Pereira Queiroz, 2003, p.315).

Ainda, existiu nos centros dinâmicos do imperialismo colonial europeu e em regiões colonizadas à natureza diversa dos movimentos sociais guardam uma unidade histórica de exploração e/ou opressão mesmo que em determinadas circunstâncias não tenham a consciência de seu lugar histórico. Podemos evidenciar a seguir com dois fenômenos sociais que emergiram no contexto de transformações provocadas pelo aceleramento da industrialização/urbanização, dentre os quais realçamos a Comuna de Paris e o movimento sociorreligioso Caldeirão.

### **A Comuna de Paris e o Caldeirão de Santa Cruz do Deserto: Alternativas de Resistência à Exploração e à Opressão ou “as Lutas pelo Céu”**

Vimos até aqui que os anos que marcam os fins do século 19 e início do século 20 podem ser identificados como o prolongamento da revolução industrial e de expansão colonial e imperialista e, como efeito, de movimentos sociais que, com suas especificidades e espaços distintos, nos remetem ao tempo de exploração e de opressão.

A Comuna de Paris eclode no ano de 1871, se constituindo numa primeira tentativa de organização de um governo socialista na França, como ressalta Lénin ao destacar a fala de Marx (2002), sobre aquele levante operário:

[...].Aconteça o que acontecer – escreve ele – o atual levante em Paris, mesmo se for esmagado pelos lobos, porcos e cães sujos da velha sociedade, é o feito mais glorioso de nosso Partido desde a insurreição de junho... E Marx, sem ocultar do proletariado erro algum cometido pela Comuna, dedicou a esse feito um trabalho que até hoje serve como o melhor guia para a luta pelo “céu” e como um terrível fantasma para

os “porcos” liberais e radicais (p. 173, grifo nosso).<sup>13</sup>

Durante setenta e dois dias, os operários permaneceram no poder, enfatizando a igualdade civil entre homens e mulheres e uma sociedade em função daqueles que nela produzem.

A 1º de abril foi decidido que o salário mais elevado de um funcionário da Comuna, e portanto dos seus próprios membros, não podia exceder de 6 mil francos(4.800 marcos). No dia seguinte a Comuna decretou separação da Igreja e o Estado e a supressão de todas as subvenções do Estado para fins religiosos, declarando propriedade nacional todos os bens da Igreja; em consequência, foi dada ordem, a 8 de abril, para que se retirassem das escolas todos os símbolos religiosos, imagens, dogmas, orações [...] (MARX, 1984, p. 4).

Através desta citação percebemos que a Comuna modificou bastante o regime francês no momento que esteve no poder. Nisto favoreceu seus membros com bons salários, possibilitando melhores condições. Mas a Comuna tomou alguma decisão drástica que foi a separação da Igreja do Estado, alterando assim, a estrutura física das escolas, por meio das imagens que cultuavam dentro das instituições escolares. Com estas mudanças, abalou também o cotidiano das pessoas que passaram a ver as diferenças.

No entanto, como ressalta Marx (2002, p.173) “[...]. A história mundial, na verdade, seria muito fácil de fazer-se, se as lutas fossem travadas apenas em condições em que as chances fossem infalivelmente favoráveis”. Marx sabia tratar-se de uma ação desesperada de um povo humilhado e devastado pela miséria. Naquele momento a classe operária auto-sacrificava-se em nome da humanidade, portanto “[...] em benefício da educação ulterior dessas massas e de seu treinamento para a próxima luta” (MARX, 2002, p. 174).

---

<sup>1</sup> O comentário de Lênin às palavras de Marx consta no prefácio à tradução russa das cartas de Marx a Kugelmann do Livro 0 18 brumário e cartas a Kugelmann de Karl Marx (2002).

Porém, como Marx previra antecipadamente, a reação das classes dirigentes e dominantes da França foi impiedosa e uma das mais violentas, conhecida pela historiografia como a “Semana Sangrenta”, levando a prisões, deportações e ao fuzilamento milhares e milhares de trabalhadores franceses. Aliás, a história da dominação da burguesia quando entra na “cena” política como classe para si nos ensinou os métodos de como se manter no poder e a sua capacidade de adequar o grau de violência as realidades dos lugares quando lhe convém, como podemos evidenciar ainda nos processos de colonização na fase imperialista do capitalismo que fizeram também eclodir, por exemplo, os movimentos nacionalistas na América Latina e os movimentos sociorreligiosos em vários continentes do globo, inclusive no Brasil e, especificamente no Nordeste Brasileiro.

Com a primeira grande guerra mundial os países colonizadores voltam suas atenções para o conflito mundial, facilitando a animação de movimentos sociais de cunho nacionalista que acabaram por sair vitoriosos do domínio europeu depois da segunda guerra mundial. No Brasil, em particular esse período tem a marca do domínio das oligarquias rurais, da miséria e fome dos sertanejos, dos surtos industriais, da emergência do proletariado, constituído fundamentalmente por imigrantes italianos e, com eles, a eclosão de movimentos sindicais e uma tomada de consciência em relação aos problemas nacionais, desencadeando revoltas sociais e a renovação de interesses pela cultura nacional representado, por exemplo, pela Padaria Espiritual, no Ceará, nos finais do século 19; Semana de Arte Moderna, em São Paulo, no início do século 20.

O Brasil nos primeiros surtos industriais contrasta com a miséria e a corrente migratória que sai do nordeste, fugindo da morte anunciada pela seca e pela opressão organizada pelos “coronéis” dos sertões. O transplante da forma de ver, pensar e agir no mundo originário dos centros dinâmicos da economia mundial se dirige para realidades sociais bastante distintas, pois, como bem salienta Romanelli, “o que se transfere são os produtos acabados da cultura, não as suas

circunstâncias [...]”. O acervo cultural transplantado não se acomodou se significativas contradições e conflitos (SOUSA, 2008, p. 41).

O processo de industrialização/urbanização propiciou como em outras partes do globo, e no mesmo tempo histórico, movimentos sociais diversos. Dentre os quais destacamos o movimento sociorreligioso Caldeirão de Santa Cruz do Deserto, no Ceará, que como Canudos, na Bahia e bem distante em Paris, foi violentamente dispersado.

O Caldeirão foi um movimento sociorreligioso ocorrido na cidade do Crato (Ceará), entre os anos de 1926-1936. Tinha como líder o beato José Lourenço. A comunidade do Caldeirão vivia na propriedade do religioso Padre Cícero Romão Batista<sup>24</sup>, conhecido como Padre Cícero ou “Padim Cícero”<sup>35</sup> pelo povo do lugar.

Naquela comunidade permeava princípios de solidariedade e igualdade, fé e equidade, justiça e divisão, por igual, daquilo que era produzido por todos. O trabalho comunitário assentado numa lógica completamente diferente daquela dominante nas cidades e nos sertões provocou temor às oligarquias, ao Estado e as instituições sociais dominantes, dentre as quais o Poder Eclesiástico que viam naquela forma de organização societal uma ameaça ao poder constituído e as suas formas de dominação social e econômica. Tratava-se de uma ameaça real, mesmo considerando que a Comunidade do Caldeirão não representava um movimento que colocava como problema o poder político, como se manifestou, por

<sup>2</sup> Foi um sacerdote católico brasileiro (1844-1834), nascido no Crato (CE) e o grande mentor no desenvolvimento da cidade de Juazeiro do Norte (CE), e ainda, do catolicismo popular. Ainda, possuía muitas terras, inclusive emprestou na época as terras do Caldeirão para o Beato José Lourenço e foi naquele momento que surgia a comunidade.

<sup>3</sup> Segundo Barros (2008, p.185) “Na tradição mais rígida da cultura sertaneja, esse termo padrinho tem uma conotação muito nítida significando segundo pai, aquele que tem a obrigação de prover o amparo e a proteção do afilhado órfão ou em necessidade. No sertão de Alagoas, pelos idos de 1940 a 1950, ainda assistimos ao costume do ritual da semana santa entre afilhados e padrinhos. A partir de domingo de ramos os afilhados visitavam os padrinhos trazendo um presente, fruto do capricho(significando aqui cuidado, zelo) do afilhado” .



exemplo, na Comuna de Paris e mesmo em movimentos nacionalistas no Brasil.

No entanto, era um movimento que, em dez anos, agrupou sertanejos de lugares distintos que fugiam da fome e da opressão das oligarquias locais e criavam uma forma alternativas de “lutar pelo céu” como reportava-se Marx ao levante que desencadeou na Comuna de Paris. Tratava-se ainda de uma comunidade que crescia num contexto mundial de consolidação do Estado Soviético, influenciando o movimento operário, inclusive do Brasil. Da Coluna Prestes, que percorreu extensas regiões do país, inclusive do Nordeste, divulgando o ideário comunista de organização societal.

Para o Estado e as classes dominantes tratava-se de conter essa experiência que servia de referência aos povos oprimidos da região e que nas suas práticas coletivas e nos saberes a elas vinculadas, independentemente da sua consciência política, negava as práticas sociais dominantes. Assim, como na Comuna de Paris e em todos os levantes dos setores oprimidos e explorados a ação do Estado e do seu aparelho repressor foi violenta. Apropriamos das palavras de Marx as duas realidades abordadas, os porcos latifundiários do sertão do Ceará e a “canaille” burguesa de Paris, presenteava os sertanejos dos nossos sertões e os parisienses com a alternativa de aceitar o combate ou sucumbir sem luta. Das duas formas a reação seria a violência sangrenta, representando a morte de homens e mulheres que em lugares distintos sonhavam em “lutar pelo céu” em face de uma realidade infernal orquestrada pela lógica societal capitalista que, ao contrário do que proclamara na sua fase revolucionária promoveu a miséria generalizada dos produtores das riquezas.

### Considerações Finais

Percebemos diante deste estudo que estes dois movimentos: Caldeirão e Comuna de Paris foram acontecimentos que passaram para a história como movimentos históricos em dois momentos di-

ferentes. Logo, a Comuna de Paris fez parte do mundo europeu, juntamente com a revolução industrial, iniciada no século 19, em que se consolida, trazendo consigo as contradições máximas do capitalismo, as classes sociais, o aprofundamento da riqueza e da miséria. Enquanto, o movimento Caldeirão se destacou pela sua religiosidade, juntamente com características de equidade, fé, igualdade e solidariedade, permitindo realizar uma proposta de trabalho diferente da sociedade que permeou o período de sua existência.

Ainda, apesar de ter acontecido em lugares e épocas diferentes estes dois acontecimentos podem ser analisados no campo social, devido seus atores serem operários e pessoas humildes. Nisto esta classe incomodavam os dominantes, afinal o modo que vivia poderia trazer conseqüências, expandindo suas ideologias para outros lugares, portanto, faziam daquelas pessoas diferentes.

Assim, é visível que o Caldeirão foi um movimento que possuía a intenção de amenizar a fome que afligia as pessoas que ali chegavam à comunidade. Enquanto, a Comuna de Paris foi um acontecimento histórico para as classes sociais, em que possibilitou mudanças imediatas dentro de um curto período que estiveram no poder do país francês.

Neste sentido, sabemos que esses movimentos surgem em momentos de graves problemas sociais, seja a seca, a miséria, a falta de políticas públicas ou conflitos políticos. No entanto, os problemas sempre existiram e fizeram desses movimentos destacados em seus lugares de origem, até mesmo, passaram a ser conhecidos mundialmente. Isto deve a forma que foram propagados e deixado seus escritos, relatado pelos pesquisadores que compreendem esta história.

Esses movimentos são destacados nos livros, na qual os investigadores passam a revelar novas possibilidades de análise. Estas reflexões fazem com que contribua para a academia ter mais fontes de pesquisa, na qual o fazer científico venha revelar novos conhecimentos, através de suas singularidades e especificidade. Com isto, o Caldeirão e a Comuna de Paris são dois marcos para a história.

## Referências Bibliográficas

- ARRUDA, João. *Messianismo e Conflito Social*: Canudos. Fortaleza: editora UFC, 2006.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. *Juazeiro do Padre Cícero: A terra da mãe de Deus*. Fortaleza: IMEPH, 2008.
- MARX, Karl. *A guerra Civil em França*. Lisboa: Avante, 1984.
- \_\_\_\_\_. *Manuscritos econômico-filosóficos e outros textos escolhidos*; seleção de texto de José Arthur Giannotti; traduções de José Carvalho Bruni [et. al.]. – 4. ed. – São Paulo: Nova Cultura, 1987.
- MINAYO, Maria Cecília de Sousa. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. 8ª ed. Petrópolis: Vozes, 1994.
- PEREIRA DE QUEIROZ, Maria Isaura. *O Messianismo no Brasil e no Mundo*. São Paulo: Q41mAlfa-Omega, 2003.
- SOUSA, Célia Camelo de. *Saberes e Práticas Educativas no Caldeirão de Santa Cruz do Deserto*. Fortaleza: UECE, 2009--pp.58 Monografia (Graduação) – Centro de Educação, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2009.

